

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO CLARO/SP
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Estabelece as orientações curriculares e os componentes curriculares obrigatórios para o ensino de Arte na rede municipal de ensino básico, da cidade de Rio Claro, no estado de São Paulo.

RIO CLARO / SP
2016

Comissão de sistematização e organização:

Gisele Carvalho Rodrigues

Jefferson Rocha

Leandro Generoso Lopes

Patricia Rodrigues Breda

Paulo Sérgio Athiê

Uelinton Castro

Vitor de Arruda Campos Machado Luz

Professores participantes:

Ana Claudia Arnold Botta

Alessandra Pedrassi Porfírio Cespedes

Danilo Soares Veloso

Edy Carlos de Oliveira

Fernanda Cristina da Silva

Fernanda Cristina Garcia Santicioli

Fouvi Prince Cyrineu Fischer

Guilherme Luís dos Santos

Isis da Silva

João Mauro Morandin Junior

Juliana Aparecida Vieira

Marcia Regina Rossi

Marcos Roberto Vaz Pinto

Marta Rosangela Alves Genizelli

Natalia Cristina do Rosario Santos

Paola Faglioni Arisa

Patrícia Aparecida Soares Bomfim

Paulo Sérgio Athiê

Reginaldo Rodrigo Correa

Rosilene Braga Rugene

Rosineia de Lima Pacheco

Vania Maria Luccas Duarte

Vitor Luiz Curtolo Bortolin

Ana Carolina Borges Monzon

Claudio Luiz Luna Junior

Solange Ap. Ribeiro Plácido

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
1. Introdução.....	6
1.1 Concepção de Arte.....	9
1.2. O desenvolvimento humano como resultado do aprendizado e o ensino de Arte nesse processo.....	11
1.3. Sobre a criatividade e a expressão na Arte.....	15
1.4. O currículo de Arte e seus objetivos.....	17
1.5. Contextualização da Arte na educação nacional.....	18
2. O perfil do estudante na rede municipal de ensino de Rio Claro.....	21
3. Objetivos gerais.....	22
3.1. Objetivos específicos.....	23
4. Estratégias para o ensino de Arte.....	37
5. Blocos de conteúdos.....	38
6. Avaliação.....	50
7. Referências bibliográficas.....	51

APRESENTAÇÃO

Esse documento foi pensado a partir de discussões entre os professores de Arte do ensino fundamental e a equipe pedagógica da rede municipal de ensino de Rio Claro (SP), em reuniões pedagógicas frequentes visando um processo democrático de elaboração do documento em questão.

Ao elaborarmos tal documento, partimos de uma breve contextualização sobre as legislações educacionais nacionais no que tange as proposições para o ensino da Arte, apresentando uma análise das orientações curriculares bem como das epistemologias teóricas que os fundamenta, de modo a estruturar no presente documento os objetivos e os conteúdos estabelecidos aos componentes curriculares obrigatórios para o ensino de Arte da Rede Municipal de Ensino na cidade de Rio Claro/SP.

Ademais, tem o documento por objetivo servir como referencial curricular fornecendo elementos norteadores do trabalho pedagógico, assim como subsidiando a atuação do professor com vistas para o atendimento das demandas sobre o direito à educação básica, ao mesmo tempo, dos objetivos no que se refere a área da Arte no currículo básico do ensino fundamental, de forma que a Arte seja entendida como importante área de conhecimento aos nossos alunos e sua etapa de escolarização, adequada ao seu contexto social e cultural.

Pensando em atender esse aluno foi traçado o perfil do aluno egresso da disciplina de Arte da rede municipal de ensino, tendo como parâmetro a troca de ideias entre os professores, com base em suas experiências com os alunos.

INTRODUÇÃO

Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em Arte é previsto a compreensão do fazer artístico em detrimento de uma abordagem de conteúdos artísticos, ao trazer-nos o resgate histórico sobre a Arte e a educação desenvolvida no século XX, sobretudo levantado o entendimento de que:

As pesquisas desenvolvidas a partir do início do século em vários campos das ciências humanas trouxeram dados importantes sobre o desenvolvimento da criança, sobre o processo criador [...] Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança¹. Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva: valorizavam a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística como orientações que visavam o desenvolvimento do potencial criador, ou seja, eram propostas centradas na questão do desenvolvimento do aluno (BRASIL, 1997, p. 20).

De fato e salientando o pretexto do “[...] perigo da influência que poderia macular a genuína e espontânea expressão infantil [...]” (Ibid., 1997, p. 20) ao informar sobre a historicização da Arte na educação escolar a permissão para o protagonismo artístico dos alunos, exigindo consequentemente formas de estratégias de ensino os quais possibilitariam impulsionar o desenvolvimento da criatividade e autonomia destes, contudo, secundarizando o trabalho pedagógico do professor e os seus conteúdos de trabalho (uma desvalorização no que se refere a sistematização dos conteúdos específicos desenvolvidos

¹ “Esses princípios influenciaram o que se chamou —Movimento da Educação através da Artell. Fundamentado principalmente nas idéias do filósofo inglês Herbert Read, esse movimento teve como manifestação mais conhecida a tendência da livre expressão que, ao mesmo tempo, foi largamente influenciada pelo trabalho inovador de Viktor Lowenfeld, divulgado no final da década de 40. V. Lowenfeld, entre outros, acreditava que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente em estágios sucessivos [...]” (Ibid., p. 20).

historicamente em cada linguagem artística), consequentemente, secundarizando o próprio estatuto do ensino de Arte como atividade recreativa ou decorativa na escola.

Contudo o próprio documento contrapõe o entendimento sobre Arte e sua valorização como forma de educação escolar não como área do conhecimento em relação a outras áreas curriculares na medida em que ratifica que “[...] tais orientações trouxeram uma contribuição inegável no sentido da valorização da produção criadora da criança [...]”, contrapondo o entendimento sobre a concepção de Arte como parte da formação social humana tendo em vista o processo de desenvolvimento do pensamento e da percepção estética humana, caracterizando pelo modo de ordenar e dar sentido à experiência social e histórica: o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção e da imaginação, ao conhecer e apropriar-se das realizações artísticas, ademais, em apreciar as diversas formas artísticas produzidas historicamente nas diferentes culturas (VÁZQUEZ, 1964).

O ensino da Arte fica a premissa de uma educação no qual “[...] é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender [...]” (BRASIL, 1997, p. 19), caracterizando-o decisivamente sob o foco de uma educação centrada no aluno em detrimento da transmissão do saber elaborado: o pressuposto da livre expressão tendo como base a investigação da natureza da Arte como forma de conhecimento, em última análise, a ser desenvolvida a partir da experiência da prática no qual os alunos tenham a “[...] oportunidade de pôr em prova suas ideias, aplicando-as, tornando-lhes claras a significação e descobrindo por si próprio o valor delas [...]” (DEWEY, 1959b, p. 180).

Entendemos que os princípios norteadores para o ensino da Arte como conteúdo curricular obrigatório desde a regulamentação na legislação educacional de 1996, por vezes, têm pensado como forma de acesso aos níveis mais elevados da criação artística as capacidades de cada um (BRASIL, 1996, p. 2) ao salientar que os objetivos do ensino enfatizem “[...] o papel ativo do indivíduo no processo de aprendizagem que é efetuado pela experiência e descoberta [...]” (DEWEY, 1959a, p. 19) sob uma formação escolar cada vez mais autônoma.

Nesse sentido, até hoje, tem sido reproduzido no âmbito escolar o entendimento de uma educação em que “[...] não exista mais traços de métodos de ensino através de palavras que não fossem traduzidas em ato pelos alunos e onde os alunos fossem treinados para encontrar sozinhos as verdades, a resolver sozinhos os problemas científicos, onde o critério fundamental é aprender fazendo, o *learning by doing* [...]” (MANACORDA, 2000, p. 309) sendo concomitantemente atribuído para o ensino da Arte um caráter espontaneísta e subjetivista de ensino, conseqüentemente, para o papel do professor o aspecto de “[...] um grande gramofone que não possui sua própria voz e que canta o que o disco lhe dita [...]” (VIGOTSKI, 2001, p. 448) na medida em que este apropria-se inconscientemente de uma fundamentação teórica que, por sua vez, tem resultado num “[...] relativismo de conteúdos onde qualquer forma de saber têm relevância no processo educativo [...]” (PAES, 2009, p. 6).

Assim o que se pretende com o referencial curricular é que seja possibilitado aos professores atuantes no município de Rio Claro um melhor entendimento sobre a concepção de Arte, sua objetivação como forma de educação assim como a abordagem qualitativa de seus conteúdos como uma importante área do conhecimento, em contraposição ao fazer artístico que, por vezes, tem corroborado para o esvaziamento dos conteúdos de Arte bem como distinguindo a função precípua do ensino no âmbito da educação básica formal.

1.1. Concepção de Arte

A Arte é uma objetivação humana, sendo o resultado do trabalho humano feito pelo Homem e para o Homem, desse modo podendo ser apropriada por qualquer ser humano (Castro, 2015).

Ela situa-se em um nível superior do desenvolvimento humano na medida em que, por um lado, é a expressão do desenvolvimento cultural da humanidade, por outro, convoca os sujeitos a interpelarem o seu cotidiano, que é o universo das relações mediadas pela cotidianidade (HELLER, 1989). Assim a Arte representa o grau de liberdade alcançado pela prática social humana, pois, “quanto menos alienada for a sociedade, mais constituirão parte das objetivações do indivíduo, as objetivações genéricas *para-si* (a Ciência, a Arte, a Filosofia) [...]” (DUARTE, 1993, p. 140).

Como qualquer outra objetivação humana, a Arte não tem uma história desligada das relações sociais, do conhecimento produzido e cultivado pelo conjunto dos homens. Desse modo, não faz sentido um estudo da Arte como uma produção em si, é nesse momento que a educação tem seu papel fundamental no cultivo e na produção das objetivações humanas como um trabalho imaterial, sobretudo determinante no trabalho material que é característico da segunda natureza humana: a social (LEONTIEV, 2004).

A educação como prática social é o ato de humanização, pois, todo indivíduo desenvolve sua subjetividade a partir das relações intersubjetivas e da apropriação da cultura existente, na medida em que:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. Com efeito,

mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, pela aprendizagem da língua. O mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. Está fora de questão que a experiência individual de um homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático abstrato e sistemas conceituais correspondentes. Seria preciso não uma vida, mas mil. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes (LEONTIEV, 1978, p. 263).

Com efeito, assim cada indivíduo não pode criar ou reproduzir individual e espontaneamente toda ou qualquer riqueza cultural do mundo objetivo, de acordo com Peixoto (2003), sendo necessário o desenvolvimento de um trabalho humano categorizado pelos seguintes aspectos: 1) o conhecimento acumulado (envolvendo a transformação da natureza e seu domínio para a produção da vida); 2) a relação com mundo da ética (a abordagem dos valores estabelecidos nas relações sociais entre os homens); 3) o desenvolvimento do universo simbólico como produto da criação humana o qual representa e percebe o mundo de modo peculiar pelos sentidos humanos. Nesse sentido, tais categorias são apontadas por Marx e Engels como socialmente produzidos (1974).

No que se refere a o desenvolvimento dos sentidos humanos, a educação estética² promove a função precípua da Arte no processo de escolarização, na medida em que a complexificação das linguagens humanas não podem ser reproduzidas e decodificadas, tampouco criadas pelos indivíduos prescindido do processo de ensino e aprendizagem, que é a característica fundamental da educação formal (SAVIANI, 2005). Logo, ha necessidade da mediação da cultura em seus níveis mais complexos, o qual envolve a Arte, e processo de humanização dos indivíduos por meio do contato com as produções históricas.

Desse modo entendemos a importância da Arte e de sua sistematização no processo escolar na constituição e na promoção do ser humano.

A apreciação da obra de arte não se dá apenas de modo *a priori* e puramente subjetiva, mas é desenvolvido como resultado da educação estética, sendo o objetivo principal da educação geral de apropriação histórica

² A palavra deriva do Grego “aisthesis” que significa a filosofia da Arte, ou, conhecer pelos sentidos (cf. HEGEL, G.W.F 1983).

(VIGOTSKI, 2001b, p. 351).

1.2. O desenvolvimento humano como resultado do aprendizado e o ensino de Arte nesse processo

Para empreender o ato educativo devemos levar em consideração o desenvolvimento ontológico social da criança e a relação dialética entre o desenvolvimento mental e a aprendizagem que é o agente impulsionador desse desenvolvimento (VIGOTSKI, 2007), para tanto, devendo também entender as diferenças entre o desenvolvimento biológico e adaptativo dos animais e o desenvolvimento social humano.

Os animais desenvolvem uma forma de trabalho restrita a um repertório de comportamentos, predominantemente, instintiva, adquiridos biologicamente e de forma hereditária com a finalidade, única e exclusivamente, de satisfazer as necessidades essenciais imediatas, ou seja, as necessidades adaptativas ao meio ambiente (LEONTIEV, 2004).

O gênero humano diferencia-se das outras espécies animais na medida em que se relaciona com a natureza por meio do trabalho intencional com a finalidade de transformá-la, planejando as ações, bem como refletindo sobre os resultados, sendo esta a diferença fundamental ao pautar-se sob a experiência sócio histórica³ a qual o homem se apropria da natureza por meio das relações intersubjetivas.

Desse modo podemos afirmar que a atividade vital do ser humano e o desenvolvimento da cultura e, a mesma, tem uma natureza social e para que isto se efetive, é necessário a apropriação, pelas novas gerações, dos conhecimentos produzidos e cultivados pelas gerações precedentes. Para tanto e no que tange o processo histórico-social, tais características genéricas são transmitidas ao gênero humano nos processos de apropriação das objetivações históricas (TONET, 2005).

Ao apropriar-se da cultura produzida historicamente pelo conjunto dos homens, os indivíduos não podem experienciar e redescobrir todo patrimônio

³ São os conhecimentos adquiridos durante o desenvolvimento das faculdades e habilidades humanas que foram acumuladas e transmitidas de geração a geração (cf., LEONTIEV, 2004).

cultural da humanidade sem contar com os processos educativos que lhe proporcionarão a transmissão dessa herança cultural, sobretudo partilhar dos resultados e conquistas no campo da ciência, da tecnologia e da Arte (CASTRO, 2015).

É por meio da transmissão do conhecimento pelo conjunto dos homens que as gerações mais novas desenvolvem e produzem novos conhecimentos, sendo esse processo intencional e de influência decisiva no desenvolvimento mental e sensível da espécie humana, uma vez que:

Só pelo desenvolvimento objetivo da riqueza do ser humano é que a riqueza dos sentidos humanos subjetivos, que um ouvido musical, um olho sensível à beleza das formas, quem numa palavra, os sentidos capazes dos prazeres humanos se transformam em sentidos que se manifestam como forças do ser humano e são quer desenvolvidos, quer produzidos. Porque não se trata apenas dos cinco sentidos, mas também dos sentidos ditos espirituais, dos sentidos práticos (vontade, amor, etc.), numa palavra, do sentido humano, do caráter humano dos sentidos que se formam apenas através da existência de um objeto, através da natureza tornada humana. A formação dos cinco sentidos representa o trabalho de toda a história do mundo até hoje (MARX e ENGELS 1974, p.49).

O desenvolvimento ontogênico do indivíduo, então, se dá por meio da apropriação dessas objetivações que, por sua vez, são resultados do seu trabalho intencional, transformados ora em objetos materiais (instrumentos), ora imateriais (linguagem, ritos, valores), na medida em que os sentidos humanos também são produzidos e desenvolvidos.

Desse modo há duas formas de educação fundamentais: a educação cotidiana/informal, no qual os indivíduos se apropriam de determinados conhecimentos de modo espontâneo ou mecânico, com vistas a resolução de problemas imediatos; E a educação escolar/formal, com base na sistematização de conhecimentos sob a forma mediata e pautada no que há de mais complexo no desenvolvimento da cultura humana no âmbito da Ciência, da Linguagem, da Filosofia e da Arte (DUARTE, 1999).

São nos processos educacionais formais que se proporcionam as apropriações dos conhecimentos produzidos historicamente pelo conjunto dos Homens, no qual os sujeitos singulares desenvolvem suas máximas capacidades por meio da mediação de conhecimentos para além dos saberes

cotidianos, tornando-se sujeitos sociais e históricos.

Assim como na linguagem escrita, no ensino da Arte é fundamental o processo de ensino e aprendizagem de forma mediatizada e não autônoma, tendo em vista o desenvolvimento da sensibilidade estética, cujo valor social consiste do processo de objetivação e apropriação da cultura humana bem como dos códigos e das formas de representação desenvolvidas pelo gênero humano.

O desenvolvimento dos sentidos humanos advém da educação estética, uma prática social mediada pela Arte que, para Vigotski (1999), representa um conjunto de signos estéticos com a finalidade de suscitar emoções nas pessoas, sendo o resultado do trabalho humano em suas formas mais complexas, considerando:

Cada etapa do aperfeiçoamento dos instrumentos e utensílios, por exemplo, como exprimindo e fixando em si um certo grau de desenvolvimento das funções psicomotoras da mão humana, a complexidade da fonética da língua como a expressão do desenvolvimento das faculdades de articulação e do ouvido verbal, o processo nas obras de arte como a manifestação do desenvolvimento estético da humanidade, etc (LEONTIEV, 2004, p. 177).

O fato de a Arte possuir uma essência concreta e objetiva, resultante do processo de aprendizagem e de produção pelo artista, bem como da conjuntura em que foi produzida (para além da aparência e do resultado final apreensível pelos sentidos), cria-se a necessidade do desenvolvimento da sensibilidade estética por meio das habilidades e conhecimentos com vistas a apreensão daquela essência, devendo ser proporcionado na educação escolar e cotidiana desde a infância, uma vez que o ensino sistematizado também pode propiciar a apropriação mais elaborada desse conhecimento, sendo o ensino da Arte o *lócus* privilegiado deste processo, fato que o justifica como importante no currículo básico formal.

A disciplina Arte é epistêmica, ou seja, possui um *corpus* de conhecimentos específicos e com funções pedagógicas também específicas para além da dimensão prática ou meramente contemplativa, ademais, contribui efetivamente também para a elevação do nível cultural dos alunos, mesmo sendo uma dimensão que envolve a Ciência e a Filosofia, entendida como síntese de uma relação dialética entre forma e conteúdo.

É a partir desse entendimento que a disciplina Arte não pode ser compreendida como uma mera atividade ou um conteúdo secundário no currículo básico (como recreação, relaxamento ou dispersão em relação às demais áreas do conhecimento da educação formal), ademais, ao salientar como procedimento estratégico nos processos educativos, de certo modo cristalizados, a ênfase do caráter lúdico do ensino, por vezes, é:

o equívoco cometido pela pedagogia tradicional quando reduz a estética ao sentimento do agradável, ao prazer pela obra de arte e vê nela um objetivo em si, noutros termos, reduz todo o sentido das emoções estéticas ao sentimento imediato de prazer e alegria que elas suscitam na criança. Aqui a obra de arte é vista mais uma vez como um meio para despertar reações hedonísticas. Quem pensa implantar estética na educação como fonte de prazer se arrisca a encontrar na primeira guloseima e no primeiro passeio os mais fortes concorrentes (VIGOTSKI, 2001, p. 331).

O lúdico deve ser entendido como uma estratégia, como um recurso de ensino e não com um fim do ensino de Arte, De acordo com o dicionário Hauaiss (2001) o lúdico é relativo ao jogo ao brinquedo que visa mais ao divertimento do que qualquer outro objetivo. No caso do ensino, trata-se de uma abordagem para transmitir os conhecimentos da Arte, de modo que favoreça a aprendizagem dos alunos. O lúdico seria como uma abordagem secreta da criança que a motive e impulsione a despertar o interesse para aprendizagem facilitando sua aprendizagem e para o adolescente tanto para o adulto, como uma forma transacional para a aquisição do conhecimento (ALVES, 2004).

A questão do lúdico e do prazer atrelado ao objetivo do ensino de Arte, desde o início do século XX, tem sido corroborada pela ênfase na livre expressão, por sua vez, como prática pedagógica incontestável. Em contrapartida, desvalorizando desde então o próprio estatuto da disciplina no currículo escolar ao trazer o entendimento, segundo as concepções escolanovistas, de que o desenvolvimento de seus conteúdos advinha da vontade do aluno, de experiências subjetivas em detrimento de uma

sistematização dos conteúdos específicos, da História da Arte e da experiência estética⁴.

A Arte na educação formal não é a produção das crianças, mas sim, a produção monumental de diferentes épocas e sociedades. Ressalta-se, que a criança produz objetos materiais, pois ela é um ser ativo. Contudo, essa produção é a expressão dos conhecimentos adquiridos no processo de ensino e aprendizagem, pois não podemos perder de vista o fato de que:

A humanidade acumulou na arte uma experiência tão grandiosa e excepcional que qualquer experiência de criação doméstica e de conquistas pessoais parece ínfima e mísera em comparação com ela. Por isso quando se fala em educação estética no sistema de educação geral deve-se sempre ter em vista ter em vista essa incorporação da criança à experiência estética da sociedade humana: incorpora-la inteiramente a arte monumental e através dela incluir o psiquismo da criança naquele trabalho geral e universal que a sociedade humana desenvolveu ao longo dos milênios sublimando na arte o seu psiquismo (VIGOTSKI, 2001b, p. 351-352).

1.3. Sobre a criatividade e a expressão na Arte

Cabe-nos destacar dois conceitos importantes inseridos na educação escolar na área da Arte que devem ser entendidos de modo mais científico:

- **Criatividade:** é a capacidade de criação que um indivíduo adquire durante seu processo de aprendizagem na educação escolar, assim como em seu cotidiano, de modo mais sincrético. Para Vigotski (2001), a criatividade no ensino de Arte deve ter o objetivo do aprimoramento estético do aluno, ou seja, a criatividade deve ser produzida e não explorada.
- **Expressão:** este conceito deve ser trabalho com muito cuidado, pois historicamente foi relacionado com o termo espontaneísmo. É um termo contraditório na medida em que se o aluno deve se expressar espontaneamente, o ensino de Arte perde seu caráter pedagógico,

⁴ O termo *experiência estética* da sociedade humana tem o sentido de abordar os clássicos da produção artística universal da história humana. (Cf. PAES, 2009).

pois o conteúdo específico da Arte cede lugar às impressões da realidade do aluno, assim como para os conhecimentos ínfimos de Arte que o aluno adquire na cotidianidade. O erro de muitos professores é acreditar que deixando a criança se expressar livremente seu compromisso pedagógico já se realizou. O que não podemos esquecer é que toda expressão tem conteúdo. Quem expressa, expressa alguma coisa. No caso do ensino de Arte esta —coisa são os conteúdos específicos (DONALD, *in*, BARBOSA, 1990).

Tais conceitos são fundamentais para que o professor de Arte entenda a condição *a posteriori*⁵ sobre o processo de transmissão de conhecimento no qual o aluno, por meio de conhecimentos científicos e não somente cotidianos, adquire repertórios culturais mais elaborados e mais elevados para que possa, assim, se expressar livremente e de modo consciente no que se refere a liberdade proporcionalmente elevada que o aluno obtém do conhecimento da cultura universal humana, ao observar, ler, ouvir, sobretudo desenvolver a sensibilidade humana, pois:

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque essa experiência é o material com sobre a qual se produz os edifícios da fantasia. Quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação. Por isso a imaginação da criança é mais pobre do que a do adulto, porque tem uma experiência menor. Se examinarmos a história dos grandes descobrimentos, dos maiores inventos, podemos comprovar que quase sempre surgiram sobre a base de enormes experiências previamente acumuladas (VIGOTSKI, 2006, p. 17).

Assim, todo trabalho objetivado necessita de um método que conduza a prática pedagógica do professor de Arte ao seu objetivo que, por sua vez, só será atingido quando mediado por uma metodologia apropriada.

⁵ Conceito filosófico que diz respeito ao conhecimento que temos das coisas. *A posteriori*, é aquilo que adquirimos depois do contato com o mundo, a partir de nossas experiências prévias, diferente de *a priori*, que são conhecimentos prévios, antes da experiência “*inatos*”.

1.4. O currículo de Arte e seus objetivos

A promoção da aprendizagem em Arte é um trabalho objetivo com vistas para a construção da subjetividade do aluno por meio dos sentidos.

Ensinar Arte para crianças é alfabetizar para o mundo sensível, os níveis dessa alfabetização estarão de acordo com a que processo de educação este aluno foi submetido e aos níveis qualitativos dos conteúdos utilizados nesse processo (CASTRO, 2015). O ensino de Arte no contexto da educação se difere da prática de Arte pelo fato de não se caracterizar pela produção de objetivações materiais, de modo algum isso quer dizer que o aluno não os produza, porém, não como um fim. O objetivo do ensino de Arte é a apropriação do que é realizado pela atividade artística. Desse modo, cabe à atividade artística produzir obras de Arte e ao ensino de Arte, transmitir tal conhecimento. Por meio da educação que o aluno torna o universo da Arte parte de sua subjetividade (TONET, 2005).

Em outras palavras, Arte na educação formal não é a produção das crianças, mas sim, a produção monumental de diferentes épocas e sociedades. Ressalta-se, novamente, que se produz objetivações materiais, pois a criança é um ser ativo. Contudo, essa produção é a expressão dos conhecimentos adquiridos previamente, pois não podemos perder de vista o fato de que:

Nos objetivos concentram-se as decisões mais importantes que deverão balizar a escolha das práticas pedagógicas do professor, concretizando sua intencionalidade, na medida em que todo ensino planejado é intencional. Conforme Castanho (1996), há uma dimensão técnica e uma dimensão política no processo de escolha de objetivos pelo professor.

Os objetivos podem ser mais amplos e gerais, ou mais restritos e específicos. Podemos, também, pensar nos objetivos em relação ao tempo, no sentido de promoverem transformações mais imediatas nos alunos, ou mediatas. Numa palavra, os objetivos nada mais são do que as intencionalidades concretizadas em tarefas que o professor assume com fins de promover o aprendizado no aluno (Cf. CASTANHO, 1996).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO NACIONAL

Traçando uma digressão histórica do ensino da Arte no Brasil com a Missão Francesa e com uma proposta Neoclássica o ensino se apresenta de forma bem conservadora e com características academicistas, tornando-se bastante elitizado.

Já na primeira república ligada a legislação vigente, entra no currículo escolar o desenho geométrico, com características conservadoras, este tipo de ensino tem padrões técnicos e mecanicistas, tem a intenção de retratar a realidade ao máximo, furtando da Arte a liberdade criativa. O ensino de Arte nesse período tem por fim de atender as necessidades da indústria, descontextualizando-o da obra de Arte.

Para PARDINI apud SILVA, ARAÚJO (2010, p. 24) o ensino da Arte como técnica tem uma intenção propedêutica voltada para o trabalho e não possui fim em si, está apenas relacionada a intenções que não são da Arte.

Na década de trinta por intermédio de Heitor Vila Lobos, a música entra nos currículos, pautada no canto orfeônico, mas seu desenvolvimento é lento, o ensino da Arte nesse período fica restrito a musica. No entanto, possibilita novos olhares através da criação do Liceu de Artes e Ofício e do Senai, se concentrando no desenho, nos trabalhos manuais e o canto Orfeônico, ganhando um pouco mais de humanidades nos anos 40, no ensino secundário (MARCONDES, 2012, p.60 - 70).

Esse período acaba sofrendo influencia da escola nova, que pretendia centrar os conhecimentos mais no aluno. Mario de Andrade e Anita Malfatti envolvidos com o Movimento Escolinhas de Arte ajudam a introduzir o movimento de livre expressão, apesar de ser um movimento ligado as escolas livres, pregava ideais mais filosóficos no ensino da arte educação (PARDINI, 2010, p.25). Apesar da tentativa de apresentar um ensino de Arte, mas voltado para formação do indivíduo, a ideia da arte voltada à realização de atividades artística, como acabou imperando trazendo um esvaziamento de conteúdos da Arte (Idem, p.27).

Em 1961 com a Lei de Diretrizes e Bases nº4024/61, institui-se o ensino da musica, mas deixa a critério da escola compor seu currículo, podendo optar pelo que será ensinado de acordo com suas necessidades. Junto com regime

militar e o ensino técnico o desenho geométrico voltam ter importância. Na década de 70 pela Lei de Diretrizes e Bases nº 5692/71, é instituído no currículo a obrigatoriedade do ensino Educação Artística para o ensino de primeiro e segundo graus, com função de dar humanidades. Novamente tratada com descaso, surge como atividade educativa e não como disciplina, além disso, exige dos professores saberes abrangentes de todas as áreas das Artes, mas que se apresentem aos alunos com conteúdos bem diluídos (GORNES e NOGUEIRA, 2008, p.584 – 585).

Assim como no passado o ensino de arte, caracteriza-se de forma diluída, voltada as questões da técnica e das atividades, não se constitui como área de conhecimento (PARDINI, 2010, p. 29).

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/94, a Arte continua sendo componente obrigatório e passa a status de disciplina, tornando-se obrigatória em toda a educação básica, porém não deixa de enfrentar problemas, a própria formação inicial dos professores nos últimos anos não contribui para que fosse diferente, dado ao esvaziamento dos conteúdos da Arte dos anos anteriores.

Com a tendência que circulava na década de 80 a pesquisadora Ana Mae Barbosa apresenta uma proposta de ensino de Arte, que visa tratar o ensino de forma crítica, visa o protagonismo do aluno por meio das linguagens artísticas. A autora propõe uma abordagem de proposta triangular que passa pelo fazer artístico, ou seja, a criação, a leitura da obra de arte e a contextualização (Idem, 2010, p.31).

Nos anos 90 com a vinda dos PCNs, surge com eles uma proposta que visa dar direções ao trabalho dos professores, por meio dos conteúdos, linguagens e avaliações, valorizando o protagonismo do aluno, além de propor uma construção cidadã.

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;[...] expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a

imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas (BRASIL,1996)

Entretanto não há garantias que objetivos como os citados sejam atingidos numa extensão territorial, tão grande como a brasileira. Além disso, após a publicação dos PCNs, não tivemos novas propostas para o ensino de Artes, além de adequações da própria LDBEN.

No município de Rio Claro, a disciplina de Artes é instituída na Rede Municipal de Ensino de Rio Claro em 2013, com a regulamentação da Lei Federal 11.738/08, que instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica e estabelece sua jornada de trabalho.

Para cumprir as necessidades de regulamentação da lei mencionada é promulgada a Lei Municipal Complementar nº Lei 070/2012, que altera os dispositivos da Lei Complementar 024/2007. Com a constituição parcial da nova jornada de trabalho do magistério, em 25% da jornada em hora de trabalho pedagógico em 2013 e 33% da jornada em hora de trabalho pedagógico em 2014, ampliando assim a jornada do professor, o que exige a alteração na organização da matriz curricular, para que não haja prejuízo dos educandos.

Dessa forma, duas novas disciplinas são incluídas no currículo – Arte e Inglês, além dos projetos leitura e letramento no ensino fundamental e projetos especiais na educação infantil que podem variar entre musicalização, arte e conhecimentos matemáticos, mas que não são trabalhados por especialistas da área.

O perfil do estudante na rede municipal de ensino de Rio Claro (Secretaria Municipal de Educação)

Orienta a elaboração do PPP para que o atendimento contemple as diferenças e particularidades:

- Não há um perfil definido;
- Segue a LDB e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil;
- Responsabilidade política – atendimento;
- Faz orientação sobre a necessidade de um levantamento da clientela
- Base de capital cultural – alunos com pouco acesso ao cap. Cultural, baixo fator sócio econômico, a escola é o lócus;
- Base da qualidade de ensino: avaliações internas e externas, parecer descritivo, reforço escolar.

PERFIL DO ALUNO EGRESSO DA REDE MUNICIPAL

Ao final do ensino Fundamental o aluno deverá ser capaz de:

- Ter senso crítico social, educação mais aberta;
- Possuir valores de formação humana e social;
- Ter autonomia;
- Ser Criativo;
- Ser capaz de superar padrões e conceitos, respeitando os indivíduos;
- Ter sua sensibilidade desenvolvida;
- Ter acesso as diferentes linguagens da Arte, a fim de ampliar seu repertório pessoal;

- Ter senso estético;
- Ser mais tranquilo e ter consciência afetiva e maior autonomia social;
- Valorizar sua cultura de origem;
- Ser capaz de criar um repertório artístico;
- Valorizar a cultura histórica e artística;
- Ter acesso à informação acumulada, sabendo interpretar a realidade da informação.

OBJETIVOS GERAIS

Dispõe sobre as capacidades teóricas e práticas que deve nortear a área do conhecimento e que deve ser compreendido pelo professor especialista a função precípua da educação em Arte. A própria Diretrizes Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013) estabelece que os princípios éticos e estéticos façam parte da política educativa, nesse sentido o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, também apresenta objetivos específicos voltados para conhecimento da Arte e na BNC (BRASIL, 2015).

Como orientação curricular são elencados os objetivos gerais da educação em Arte partindo do entendimento de que a educação escolar é uma prática social, assim, a prática pedagógica de Arte como uma dimensão desta prática, tem o objetivo de:

- Propiciar ao aluno a vivência com a experiência estética, entendendo- a nas dimensões: —**estesia**ll onde se propicia ao estudante experienciar o espaço, o tempo, o som, a imagem, o corpo e os materiais, articulando a expressão e as sensações; a —**fruição**ll que implica diferentes experiências de apreciação estética de artísticas e culturais; a —**expressão**ll propriamente dita a partir da exploração do espaço, do tempo, do som, do corpo, dos materiais, das imagens e das tecnologias; da —**criação**ll, individual e/ou coletiva, resulta da atitude intencional do sujeito e da materialidade estética à sua subjetividade, seus sentimentos, ideias, imaginações, invenções, desejos; a —**reflexão**ll que permite o exercício do sujeito pelo pensamento e análise da fruição, da exploração e das experiências criativas; e final através da —**crítica**ll que traz condições ao sujeito de

estabelecer relações a cerca das manifestações da artísticas e culturais com o mundo, de modo que favoreça o estranhamento;

- Promover a difusão das formas de cultura humana desenvolvidas ao longo da História da humanidade, por meio de uma apropriação elaborada e diversificada das diversas linguagens artísticas;
- Desenvolver a sensibilidade estética no que se refere a produção e o desenvolvimento dos sentidos sociais tais como o olhar para o belo, o ouvido musical e a expressão corporal como formação unilateral sobre Arte;
- Conhecer, fruir e analisar criticamente as diferentes práticas e produções artísticas desenvolvidas;
- Reconhecer a importância social da Arte na sociedade e na vida das pessoas;
- Valorizar as manifestações e produções artísticas que caracterizam a lutar pelo reconhecimento e equidade social, da ecologia e da diversidade cultural;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS NOS CICLOS I E II (1º AO 5º ANOS)

De acordo com as especificidades de cada linguagem artística (as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro) deve-se proporcionar ao aluno:

Artes Visuais	Dança	Música	Teatro
Familiarizar-se com os vocabulários e expressões, bem como com os elementos constitutivos e códigos específicos das Artes Visuais, da Música e do Teatro;	Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos na dança, de modo que os utilizem nos trabalhos pessoais, identificando-os e interpretando-os na apreciação e contextualizando-os culturalmente.	Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em música, de modo que os utilizem nos trabalhos pessoais, identificando-os e interpretando-os na apreciação e contextualizando-os culturalmente.	Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em teatro, de modo que os utilizem nos trabalhos pessoais, identificando-os e interpretando-os na apreciação e contextualizando-os culturalmente.

Explorar diferentes materiais, instrumentos e recursos visuais com vistas para o domínio tecnológico das diversas linguagens artísticas;	Familiarizar-se com os vocabulários e expressões, bem como com os elementos constitutivos e códigos específicos da Dança ;	Familiarizar-se com os vocabulários e expressões, bem como com os elementos constitutivos e códigos específicos da Música;	Familiarizar-se com os vocabulários e expressões, bem como com os elementos constitutivos e códigos específicos do Teatro;
Compreender a importância das etapas de criação artística a partir do processo de organização do próprio ambiente de trabalho em sala de aula, apreendendo a importância da utilização dos materiais e instrumentos de maneira correta e com responsabilidade	Vivenciar/explorar os diferentes tecidos corporais – a pele, as estruturas ósseas e articulares, os músculos – percebendo e se apropriando da constituição do próprio corpo como um sistema vivo, dinâmico e expressivo.	Reconhecer elementos da linguagem musical, bem como a forma musical;	Ter prazer de ouvir e contar histórias dramatizadas próprias da cultura infantil
Apreciar as diversas produções artísticas desenvolvidas historicamente pela humanidade assim como relacionando-as com as produções artísticas contemporâneas;	Estudar e apropriar-se do movimento em seus diferentes aspectos expressivos e estruturais – as partes do corpo, as ações corporais, os fatores peso, tempo, espaço e fluência em suas relações (dinâmicas), o espaço pessoal e geral – favorecendo a construção de repertórios próprios, assim como, em relacionamento	Utilizar elementos da linguagem musical para expressar-se	Desenvolver a imaginação por meio do faz de conta, da imitação e do experimentar no lugar do outro

	com os colegas na ação dançante.		
Criar produções artísticas que dialoguem com a produção histórica;	Desenvolver o gosto e a curiosidade sobre a arte da dança, apropriando-se de informações sobre suas estéticas, seus artistas, suas ideias e produções, associando a própria experiência com a dança na escola.	Interagir com o professor e os colegas por meio dos elementos da linguagem musical.	Explorar modalidades de improvisação, em especial do jogo dramático, valorizando o trabalho coletivo e a autoria.
Mobilizar conhecimentos trazidos pelos alunos a partir dos conhecimentos adquiridos na escolarização, criando novos conhecimentos no processo dialógico quanto a fruição, criação e argumentação sobre obras de arte;	Apropriar-se de elementos da linguagem no corpo, aprofundando os estudos de movimento com ênfase nas relações espaciais e rítmicas nos processos de estudar, apreciar e compor danças.	Pesquisar diferentes timbres de objetos diversos do cotidiano escolar;	Compor e encenar pequenas sequências cênicas, usando músicas, imagens, pequenas narrativas ou outros estímulos de forma a integrar com outras Artes
Ampliar o imaginário, a capacidade de simbolizar e aumentar o repertório imagético por meio da experiência estética	Conhecer brincadeiras, jogos e danças coletivas de diferentes matrizes estéticas e culturais como território de investigação para a criação/composição de danças autorais, individuais e de grupo, relacionando seus sentidos e significados ao contexto sociocultural dos alunos.	Praticar atividades que envolvam o corpo como produtor de sons e movimento;	Desenvolver estratégias para a construção de personagens
Reconhecer e	Vivenciar diferentes	Registrar, à sua	Conhecer

identificar a História da Arte dos povos da pré-história;	etapas de um processo criativo - autoral e colaborativo – de compor uma dança tendo determinado objeto como fonte de investigação (cadeira)	própria maneira, elementos da linguagem musical.	diferentes modalidades de apresentações teatrais: teatro de objetos, de sombras, de máscaras, de bonecos, mímica, etc.
Perceber que diferentes povos, culturas, etnias em tempos e contextos diversos, apresentam, em suas produções, semelhanças e diferenças;	Compreender o registro das atividades corporais e de movimentos expressivos como ações pertinentes à criação de uma dança.	Executar frases rítmicas e melódicas;	Pesquisar distintas possibilidades de espaços cênicos.
Experimentar e conhecer materiais, instrumentos e procedimentos artísticos diversos em artes visuais, de modo que os utilizem nos trabalhos pessoais, identificando-os e interpretando-os na apreciação e contextualizando-os culturalmente.	Vivenciar, por meio da experimentação do espaço pessoal e do corpo e dos espaços compartilhados pelos corpos em movimento.	Apreciar músicas que favoreçam a expressão de diferentes sentimentos contidos no repertório erudito, popular e tradicional;	Conceber discursos cênicos a partir da investigação de variadas obras de arte: conto, poesia, romance, pintura, cinema, música etc
Compreender os períodos que envolvem a história da Arte	Experimentar diferentes formas de deslocamentos, planos, direções e orientações no espaço	Vivenciar práticas de apreciação, criação e interpretação, considerando processo de experimentação instrumental (convencional e alternativa) e vocal, individual e coletiva	Reconhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem teatral para expressar-se, tais como: palavras, gestos, sonoridades, figurinos, iluminação, objetos cênicos
Identificar figura e fundo em diferentes	Criar e improvisar movimentos dançados por meio	Conhecer os elementos constitutivos da	

modalidades das artes visuais, assim como nas próprias produções; Perceber que algumas imagens estruturam a representação do espaço em vários planos;	de estímulos táteis, visuais, sonoros, imaginários e cenestésicos, valorizando o processo colaborativo e a autoria;	música em experiências de criação, interpretação e apreciação musical contextualizando.	
Manifestar-se criativamente e de um modo próprio ao expressar-se e construir seus trabalhos.	Apropriar-se de informações sobre as fontes de pesquisa e criação de artistas da dança cênica atual, particularmente como estabelecem diálogos com as outras linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) e com os contextos geográficos e socioculturais em que estão inseridos ou que sediam suas criações.	Experimentar sonoridades, materiais e técnicas diversas para a construção de instrumentos musicais.	
Reconhecer e diferenciar texturas, tátil e visualmente no entorno e em obras de arte. De modo que possa vir a utilizar texturas em seus trabalhos pessoais;			
Experimentar, em suas criações, diferentes materiais, instrumentos, espaços pictóricos, campos plásticos, suportes,			

técnicas; explorar, em suas produções, formas bi e tridimensionais.			
Observar, interpretar e refletir sobre as formas que produz, assim como realizar leituras autorais das produções dos colegas e de alguns artistas.			
Entrar em contato com (re) produções de obras de arte de diferentes autores, épocas, países, culturas. Perceber que produções artísticas têm um ou mais autores.			
Identificar modalidades das artes visuais: desenho, pintura, escultura, modelagem, colagem, fotografia etc.			

OBJETIVOS ESPECÍFICOS NOS CICLOS III E IV (6º AO 9º ANOS)

De acordo com as especificidades de cada linguagem artística (as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro) deve-se proporcionar ao aluno:

LINGUAGEM VISUAL	LINGUAGEM MUSICAL	LINGUAGEM TEATRAL	LINGUAGEM DA DANÇA
-----------------------------	------------------------------	------------------------------	-------------------------------

1.Elementos do desenho (ponto, linha, forma, cor, textura, luz, movimento) e recursos (simetria e assimetria, equilíbrio e desequilíbrio, proporção e desproporção) da linguagem visual.	1.Elementos da linguagem musical (silêncio, ruído e som).	1. Criar diversos gestos a partir de diferentes sons produzidos pelo próprio corpo, pelo corpo de outros seres e por objetos e paisagens naturais e artificiais.	1. A linguagem do happening e da performance; a linguagem do teatro com a tecnologia; a linguagem do teatro-dança
2. Perceber as pequenas variações dos elementos da linguagem visual, como tons e semitons das cores, as diferenças de textura e de forma e as intensidades de luz e sombra e as diversas possibilidades do movimento.	2. Explorar espaços a fim de perceber os sons ambientes (vozes, corpos e materiais sonoros), associando-os à fonte sonora.	2. Perceber a possibilidade de imitar expressões faciais, gestos e sons produzidos por diferentes pessoas e animais.	2. A linguagem da capoeira, do hip-hop, do balé clássico, da dança moderna, da dança contemporânea
3. Apreciar produções e manifestações	3 Perceber as variações de duração dos	3. Decodificar as imitações e criações realizadas por seus	3.O corpo como suporte físico da dança;

das artes visuais pertencentes ao contexto jovem e da comunidade.	sons, tais como os que se prolongam por mais tempo e os que duram menos tempo.	colegas, respondendo a contento.	leveza; peso; flexões; ritmos; objetos cênicos
4. Descrever aquilo que vê e sente (sentimentos e sensações) em relação aos objetos culturais apreciados.	4.Reconhecer diferentes tipos de ritmo musical (rock, hip-hop, funk, rap, forró, samba).	4. Reconhecer a importância de participar com todo o grupo dos jogos teatrais e das dramatizações, favorecendo o processo intergrupar, sem distinções de sexo, etnia, ritmos e temperamentos.	4. O corpo como suporte físico do teatro; a ação física como elemento da expressividade no palco
5. Valorizar o(s) autor(es) dos objetos culturais apreciados, conhecendo aspectos de sua biografia e suas principais obras.	5. Apreciar músicas e canções pertencentes ao contexto jovem e da comunidade.	5. Apreciar peças teatrais pertencentes ao contexto jovem e da comunidade.	5. Improvisação, acaso, ludicidade, espontaneidade
6. Reconhecer elementos formais (ponto, linha, forma, cor, textura, luz, movimento) e	6 Valorizar o(s) autor(es) e intérpretes das músicas e canções apreciadas,	6. Valorizar o(s) autor(es) e intérpretes das peças teatrais apreciadas, conhecendo aspectos de sua biografia e	6. Corpos perceptivos, intuição, acaso, imaginação criadora, coleta sensorial, vigília

recursos (simetria e assimetria) da linguagem visual nos objetos culturais apreciados.	conhecendo aspectos de sua biografia e suas principais obras.	suas principais obras.	criativa, repertório pessoal e cultural, poética pessoal, pensamentos visual, musical, corporal e sinestésico
7.Reconhecer e identificar as variações das classificações das cores, sua intensidade, brilho e matiz	7.Apreciar e valorizar diferentes estilos e interpretações musicais	7.Desenvolver o fazer cênico e coreográfico dentro dos processos que envolvem a criação e elaboração	7. A qualidade do movimento do corpo que dança: espaço, tempo, força, ritmo
8. Reconhecer suportes (papéis, tecidos, madeiras, pedras, barro) e materiais (lápis, giz, canetas, carvão, tintas, pincéis, espátulas) utilizados nos objetos culturais apreciados.	8. Descrever aquilo que ouve e sente (sentimentos e sensações) em relação às músicas e canções apreciadas.	8. Reconhecer e estabelecer relações entre os diversos elementos que envolvem a produção de uma cena (o cenário, a iluminação, o figurino e a sonorização).	8. Corpos perceptivos; improvisação, intuição, imaginação criadora, coleta sensorial; vigília criativa; repertório pessoal e cultural; poética pessoal; pensamento visual; pensamento corporal e sinestésico;

			pensamento musical
9. Reconhecer técnicas (desenho, pintura, colagem, gravura, impressões, relevo, móbile, escultura, fotografia, videografia) utilizadas nos objetos culturais apreciados.	9. Construir instrumentos musicais com sucatas e outros materiais reutilizáveis, criando a consciência de reciclar.	9. Improvisar cenas teatrais com os colegas a partir de estímulos variados (tais como temas, sons, gestos, objetos), integrando-se com eles, sabendo ouvir e esperar a hora de falar.	9. Reconhecer a relação entre arte e vida presente nas poéticas artísticas
10. Experimentar as características e os limites dos materiais utilizados na construção de objetos culturais visuais, tais como resistência e elasticidade.	10. Interpretar composições utilizando a voz, materiais sonoros e, ou, Instrumentos musicais construídos com sucata.	10. Criar cenas teatrais a partir de narrativas populares, lendas ou mitos.	10. Operar com ideias, sentimentos, pensamentos e emoção na produção de poéticas pessoais e/ou em grupo
11. Criar objetos culturais visuais a partir de sucatas e outros materiais	11. Improvisar e criar efeitos, sonoplastias e sequências sonoras	11. Criar e construir cenas que contenham: enredo/história/conflito dramático,	11. Operar com os elementos da forma em Arte, com temáticas e

reutilizáveis, criando a consciência de reciclar.	simples, dialogando com outras linguagens (poesia, artes visuais, teatro, dança)	personagens/diálogo, local e ação dramática definido	com a materialidade, gerando sua expressão em dança
12. Criar objetos culturais visuais a partir de estímulos diversos (tais como a ação, a sensação, o sentimento, a observação de modelos naturais e artificiais e a apreciação de obras de arte).	12. Apropriar-se de informações sobre as fontes de pesquisa e criação de músicos atuais, que estabelecem diálogos com as outras linguagens artísticas	12. Ler textos dramáticos, identificando e relacionando os personagens, o conflito e o tipo de narrativa.	12. Identificar e reconhecer o Ballet; a dança moderna do início século XX e a dança teatral
13. Recriar (representar a seu modo) os objetos culturais apreciados.	13. Interagir com o professor e os colegas por meio dos elementos da linguagem musical.	13. Compreender e analisar as similaridades dos processos cênicos e coreográficos	13. Desenvolver coreografias por meio da poética pessoal e coletiva
14. Produzir objetos culturais visuais, individualmente			

e em grupo, utilizando suportes, materiais e técnicas artísticas variadas.			
15. Planejar, executar e finalizar objetos culturais visuais, cuidando dos materiais e da limpeza do ambiente de trabalho, com a orientação do professor.			
16. Organizar um portfólio de suas pesquisas e trabalhos, com a ajuda do professor.			
17. Explorar o espaço da escola, a fim de expor trabalhos de arte, dividindo tarefas e participando ativamente da organização da			

exposição.			
18. Conhecer, relacionar, apreciar objetos, imagens, concepções artísticas e estéticas, na sua dimensão material e de significação, criados por produtores de distintos grupos étnicos em diferentes tempos e espaços físicos e virtuais, observando a conexão entre essas produções e a experiência artística pessoal e cultural do aluno			
19. Reconhecer, identificar e classificar os períodos que envolvem a História da Arte			
20. Temáticas			

idealizadas, realistas, expressionistas, surreais, abstratas; temas históricos, questões políticas, religiosas, de natureza; o ser humano, sua identidade, seu anonimato; a visão feminina; o corpo; a complexidade formal etc.			
---	--	--	--

Estratégias para o Ensino de Arte

As aulas de Arte...

Cada aula como um jogo de aprender e ensinar, é um instante mágico. Requer preparação e coordenação especiais, de mãos habilidosas que tocam, que apontam, que escolhem contextos significativos para o aprendiz tecer sua rede de significações. (MARTINS, C. M.,1998)

A fim de oferecer o conhecimento da Arte aos alunos, é necessário que as aulas tenham uma organização voltada a ação pedagógica, favorecendo a aprendizagem dos alunos e que provoquem a sua produção expressiva própria, se desvinculando de modelos pré-estabelecidos. Segundo Cunha :

Ao interromper, na sua infância, o desenvolvimento da linguagem gráfico – plástica, foram fixadas formas padronizadas como a casinha, a árvore com maçãs, as nuvens azuis, o sol, as flores, a figura humana de palito, organizando-se um repertório reduzido de formas que chamamos de estereótipos. Por sua vez, estas formas são repassadas as crianças de várias maneiras como nas

decorações das salas de aula, ou quando as crianças pedem que o adulto desenhe algo, ou quando o educador faz correções nas produções infantis do tipo: Fulano, não vêes que a árvore é verde? Onde está o corpo desta pessoa? Estou vendo que os braços e pernas saem da cabeça... Assim, as crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir suas próprias linguagens, passando a reproduzir e consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos (CUNHA, 1999, p.10 e 11)

O ensino da Arte na educação, assim deve favorecer o processo de humanização e o prazer estético. Para tal o papel do professor de mediador, aquele que mostra caminhos possíveis e articulador do conhecimento real em Arte, evitando produções estereotipadas a que tem acesso, mas sem chegar . Instigar a inventividade e a sensibilidade, buscar na diversidade das linguagens da arte elementos para construir um repertório artístico que subsidie a formação pedagógica nos âmbitos do Ensino Fundamental.

O professor pode subsidiar a troca de experiências na produção de conhecimentos teórico-práticos, analisando, acompanhando e sistematizando a experiência com os estágios dos alunos frente os fundamentos teóricos-práticos estudados.

As propostas contemporâneas para o ensino da Arte, que contemplam três ações: o fazer, o apreciar e o refletir sobre a Arte, como produto cultural e histórico, inseridos em territórios de arte e cultura.

Devemos levar em consideração que nem sempre o professor de Arte, nem sempre poderá desenvolver as atividades programadas, por fatores variados como falta de infraestrutura adequada ou imprevistos ocorridos, mas que

normalmente as indicações descritas acima deverão ser seguidas. Segundo Carbonell (2012) a educação da criança em Arte irá ajudar no processo de descolarem-se do egocentrismo, a exteriorizarem o conteúdo interno e a se expressarem, dessa forma compreendemos que o ambiente das aulas de Arte favorece este processo. Compreendemos que as aulas de Arte não são silenciosas e nem estáticas, mas sim dinâmicas favorecendo o processo criativo e a expressão, o que não quer dizer que este ambiente seja descontrolado.

Para melhor oportunizar a aprendizagem dos alunos, o professor de Arte, poderá fazer uso de diferentes espaços da escola de acordo com a linguagem da Arte que estiver estudando com os alunos, bem como utilizar diferentes materiais e ferramentas que atendam as necessidades da prática. Considerando as diferenças de formação e de experiência de cada professor, além das diferenças entre os espaços físicos e do material disponíveis para as aulas, das características dos alunos de cada escola, dos alunos com deficiências, as atividades em cada aula não podem ser padronizadas, ou seja, para atender àquele conteúdo específico, o professor terá autonomia para desenvolver a atividade que for mais conveniente a sua turma e espaço escolar.

BLOCO DE CONTEÚDOS

1º ao 3º	1º ao 3º	1º ao 3º	1º ao 3º
MUSICA	ARTES VISUAIS	DANÇA	TEATRO
1.Paisagens Sonoras – diferenciações sonoras	1. Lay out – organização da folha, margens	1. O corpo e o movimento- Reconhecimento do próprio corpo e suas limitações,	1. Estudos dos elementos básicos do teatro- personagens, narrativa e figurino

1. Propriedades da música – timbre, ritmo, melodia, harmonia e apreciação	2.Desenho- linha, forma, proporção, Cor, textura e achura	3.O corpo e o espaço– experimentação e pesquisa das diversas formas de locomoção, deslocamento e orientação no espaço (caminhos, direções e planos)	2. Contação de histórias para despertar interesse pelas narrativas
3.Construção de Instrumentos musicais	3. Recortes e colagem	3. Dança circular – definição e experimentação	3.Expressão corporal e vocal: percepção e consciência do corpo e da voz como

			instrumentos principais do teatro
4.história da música – contar histórias	4. O que é arte- função da arte	4.Dança e improviso – improvisação na dança; inventando, registrando e repetindo sequencias criadas;	4.Construção de personagens: gestos, movimento, ações corporais e vocais
	5. História da Arte – Pré- história	5. o corpo e o tempo – velocidade, tempo, contrastes, contratempos, ritmo e o desenho no espaço	5.Construção das dramatizações – quem, onde, o que
	6. Esquema corporal	6. Dinâmica de improvisação	6. Teatro de fantoches
	7. Autoretrato – identidade, família	7. O corpo e movimento – fluxo, giros, salto, eixo, peso e volume, forma, equilíbrio	
	8. Materialidade na arte – suporte, ferramenta e matéria	8. Seleção de gestos e movimentos observáveis	

		em dança – imitação e releitura mantendo as características individuais	
	9.Arte Africana		
	Arte Indígena		
	10. Formas geométricas – tangram e origami		
	Estudo de cores – primárias, secundárias e terciárias; quentes e frias; cromias, terrosas, misturas		
	1. Simetria – positivo e negativo		
	2. Perspectiva – planos e tipos		
	3. Folclore		
4º ao 5º	4º ao 5º	4º ao 5º	4º ao 5º
1. Propriedades da música - timbre, ritmo, melodia, harmonia – aprofundamento das apropriações básicas.	1. Desenho- bidimensional e tridimensional (3D), gravura, textura e padrão (estampas)	1. Coreografias simples	1.Expressão corporal e vocal: percepção e consciência do corpo e da voz como instrumentos

			principais do teatro
2. Construção de Instrumentos musicais.	2. Escultura – baixo relevo e alto relevo	2. Expressão na dança	2. Construção de personagens: gestos, movimento, ações corporais e vocais
3. História da música- desenvolvimento	3. História em quadrinhos – recursos gráficos	3.Improviso e criação de movimentos coletivos	3. Construção das dramatizações – quem, onde, o que
	4. História da Arte – Arte Européia, Latina (Em especial a brasileira) e seus períodos	4. Dança circular – folclore e brincadeiras	4. Exploração do espaço físico escolar como espaço cênico
	5. Funções da Arte – sociedade, minha vida, na escola	5. Movimento – leve e pesado, rápido lento, direito e sinuoso, alto e baixo; combinações com estilos de dança	5. Materiais de criação de narrativas – imagem, pinturas, foto, música, objeto
		6.Observação e representação	6. História da Arte Cênica - A Função do

		dos corpos – passos e movimentos corporais em estilos diferentes	teatro no desdobrament o da História da Arte
		7.Estética na dança - concepções	7. Montagem de uma peça teatral infantil
		8.Produtores de dança	
		9.Danças nas diversa culturas	

BLOCOS DE CONTEÚDOS DO 6º AO 9º ANO

ARTES VISUAIS	DANÇA	TEATRO	MÚSICA
1.Criar composições artísticas tendo as produções visuais como suportes interpretativos.	1.Participar de espetáculos, festivais de dança e outros na escola e/ou em outros espaços.	1.Realizar jogos teatrais, dramatizações com teatro humano e ou com bonecos.	1.Apresentar atividades musicais na escola e/ou em outros espaços
2.Participar de exposições artísticas na escola e/ou em outros espaços.	2.Visitar espaços artísticos culturais de dança, dentro das possibilidades da escola.	2.Apresentar atividades de teatro na escola e/ou em outros espaços	2.Visitar concertos e/ou festivais de música e/ou apresentações diversas relacionadas à música, dentro das possibilidades da escola.

3. Visitar espaços artísticos culturais, dentro das possibilidades da escola, como: feiras de arte, ateliers, exposições, museus, galerias, salões de arte dentre outros.	3. Produzir mural cultural local ou regional com reportagens, catálogos, imagens de eventos relacionados à dança	3. Visitar espaços artísticos culturais de teatro, dentro das possibilidades da escola.	3. Produzir mural cultural local ou regional com reportagens, catálogos, imagens de eventos relacionados à música.
4. Produzir mural cultural local ou regional com reportagens, catálogos, imagens de eventos artísticos e outros.	4. Conhecer o contexto histórico de dança e/ou produtor de dança e/ou coreógrafo e/ou dançarino e/ou grupo de dança.	4. Produzir mural cultural local ou regional com reportagens, catálogos, imagens de eventos relacionados ao teatro.	4. Conhecer a história da música e/ou músico/ intérprete e/ou obra musical e/ou grupos / bandas musicais
5. Estudo de cores: brilho e matiz, tons, harmonia, monocroma, policromia e cores físicas e suas divisões	5. Explorar o universo da dança, desenvolvendo o seu imaginário pessoal, descobrindo novas técnicas e novos ritmos culturais	5. Conhecer a história do teatro e/ou ator e/ou peça e/ou grupo de teatro.	5. Explorar os movimentos corporais em uma dinâmica rítmica através da música, como forma de relaxamento e introspecção do ser.
6 Tons e semitons das cores, as diferenças de textura e de forma e as	6. Experimentar a plasticidade de seu corpo, exercitando e	6. Conhecer a vida e obra de diferentes artistas das	6. Propriedades da música - timbre, ritmo, melodia, harmonia –

intensidades de luz e sombra e as diversas possibilidades do movimento.	ampliando as habilidades motoras e expressivas	linguagens do teatro, da comunidade local e da região, como, também, com artistas de expressão nacional e internacional, das mais diferentes partes do mundo; diferentes épocas, estilos, gêneros, e etnias	aprofundamento das apropriações básicas
7. Grafite e grafismo		7.Construção das dramatizações – quem, onde, o que	7.Utilizar recursos naturais na criação de trabalhos artísticos em música, primando pela preservação e valorização do meio ambiente
8. Estética da Arte - Explorar critérios sob o "belo e o feio", definindo conceitos sobre o "gosto" na arte, juntamente com o conhecimento		8.Montagem e construção de personagens	8.Conhecer a vida e obra de diferentes artistas das linguagens da musica, da comunidade local e da região, como,

embasando o julgamento.			também, com artistas de expressão nacional e internacional, das mais diferentes partes do mundo; diferentes épocas, estilos, gêneros, e etnias.
9. Uso de diferentes suportes e técnicas na composição plástica bidimensionais e tridimensionais (papéis, tecidos, madeiras, pedras, barro) e materiais (lápis, giz, canetas, carvão, tintas, pincéis, espátulas)		9.Montagem de uma peça teatral com construção de cenário	
10. Gravura impressões, relevo, escultura, fotografia, videografia) utilizadas nos objetos culturais apreciados.			
11.Conhecer, participar e visitar diferentes dispositivos e equipamentos culturais de circulação			

da arte e do conhecimento artístico, tais como: teatros, museus, galerias, feiras, ruas, festivais, livrarias, bibliotecas, centros históricos e culturais.			
12. História da Arte – Idade média, renascimento, Barroco, Impressionismo, Modernismo e seus movimento, Arte Contemporânea			
13. Arte Africana - linguagens da arte as particularidades regionais e culturais, inclusive enfatizar cultura africana, assim como as bases colonizadoras regionais.			
14.Arte Indígena - linguagens da arte as particularidades regionais e culturais, inclusive enfatizar cultura indígena, assim como as bases colonizadoras			

regionais.			
15. Simetria e assimetria, equilíbrio e desequilíbrio, proporção e desproporção) da linguagem visual.			
16. Conhecer o contexto do produtor de arte e/ou de sua produção artística e/ou do estilo e técnica utilizada			
17. .Autor(es) culturais-conhecendo aspectos de sua biografia e suas principais obras			
18. Arte tridimensional - móveis e instalações			
19. Esculturas - Construção de com uso de sucatas e outros materiais reutilizáveis, criando a consciência de reciclar.			
20. Construções de instalações respeitando as diferentes poéticas			

culturais			
21. Criar objetos culturais visuais a partir de estímulos diversos (tais como a ação, a sensação, o sentimento, a observação de modelos naturais e artificiais e a apreciação de obras de arte).			
22. Recriar (representar a seu modo) os objetos culturais apreciados.			
23. Construção de objetos culturais visuais, individualmente e em grupo, utilizando suportes, materiais e técnicas artísticas variadas.			

AVALIAÇÃO

A avaliação que propomos para a disciplina de Arte do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental adotará concepção diagnóstica processual e formativa. A avaliação diagnóstica aqui é entendida como aquela que antecede o planejamento, que possibilitará ao professor investigar o conhecimento prévio de seus alunos e permitirão oferecer elementos que possibilitem facilitar a aprendizagem dos alunos e de modificarem suas ações e procedimentos (ZAGONEL, 2012; SÃO PAULO, 2006). A avaliação processual é entendida como aquela que acontece o tempo todo, durante todo o processo da aprendizagem. Está também ligada ao próprio processo de auto avaliação do professor e do aluno, que permite corrigir falhas.

Outro aspecto de grande importância é a necessidade de se utilizar diferentes estratégias de avaliação e instrumentos variados como: provas escritas, exercícios práticos, trabalhos práticos e de campo, relatórios, ou qualquer outro instrumento capaz de aferir o desempenho acadêmico do aluno. O uso de instrumentos e estratégias diversificadas permite que o peso dado à avaliação seja distribuído nesses instrumentos mais adequado às propostas desenvolvidas.

O processo de avaliação deverá estar ligado também ao objetivo do conteúdo que se desenvolve com os alunos. Deverá estar propício à faixa etária e respeitar a abrangência de cada linguagem da Arte, ou seja, o professor deve avaliar os componentes teatrais de forma diferente aos que se avalia em artes visuais. Dada a diferença entre as linguagens e tipos de instrumentos utilizados pelo professor, bem como da natureza de seus objetivos.

A avaliação formativa deve contribuir com o processo formativo dos alunos, favorecendo a aprendizagem. Nesse processo o professor deve fazer intervenções e comentar o resultado explicando as etapas e oferecendo elementos aos alunos para que percebam se estão aprendendo (SUHR, 2012). Enfim, a avaliação em Arte deve permitir ao professor respeitar a individualidade dos alunos dentro da coletividade e de sua realidade sociocultural e das prioridades e objetivos das atividades artísticas.

REFERENCIAS

ALVARES, S. C. **Educação estética na EJA: a beleza de ensinar e aprender com jovens e adultos.** São Paulo: Telos, 2012.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Brasília. D.O.U. de 18 de agosto de 1971. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm. Acesso em 02 dezembro de 2015.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. D.O.U. de 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 02 de dezembro de 2015.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.130p.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

_____. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica – Brasília, 2009.

CASTRO, U. Ensino de Arte: concepções subjacentes às práticas e sua contribuição no processo de emancipação humana. **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO Linha de pesquisa: Educação: Políticas, Gestão e o Sujeito Contemporâneo**, UNESP, 2015.

CUNHA. S. R. V. **Da, Cor, som e movimento** – A expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DEWEY, J. **Como pensamos – como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição.** Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959a.

FERREIRA, D. M. A. P. **Ensino de Arte e Educação Estética: Vivências de professores que lecionam nesta disciplina.** Dissertação (Mestrado em Educação, Processos Sócioeducativos e Práticas Escolares). Universidade Federal de São João Del-Rei. 2013. 128 p.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História.** 3º ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Democracia e educação.** (Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959b.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** Ed. Trad. Rubens Eduardo frias j. São Paulo, Centauro, 2004.

GOMES, K. B.; NOGUEIRA, S. M. A. **Ensino da Arte na escola pública e aspectos da política educacional: contexto e perspectivas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 583-596, out./dez. 2008

GOODSON, I. F. **Conhecimento e vida profissional.** Porto – Portugal; Porto Editora, 2008.

MANACORDA, M. A. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: Cortez, 2000.

MARCONDES, V. V. **Políticas Públicas: o ensino de arte na educação básica.** Universidade Estadual Paulista - UNESP —Júlio de Mesquita Filho Instituto de Artes – I.A. São Paulo, 2012.

MARTINS, M. C. **Didática do Ensino de Arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MARX. K. ENGELS F. **Sobre literatura e arte.** 4º ed. Trad. Albano Lima, Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

PAES, P. C. D. **Práticas de ensino fundamentadas em Vigotski.** Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.

PARDINI, M. R. S. **O ensino das Artes na educação básica em tempos de avaliação institucional: um estudo de caso na escola pública estadual paulista.** Dissertação USP Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2010.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias** /Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área ,Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo, 2011. 260 p.

SÃO PAULO. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II : caderno de orientação didática de Artes** / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo, 2006.

VÁZQUEZ, A. S. **As ideias estéticas de Marx.**

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZAGONEL, B. **Avaliação da aprendizagem em arte.** Zagonel, (org). – 1.ed. – Curitiba: InterSaberes, 2012.